

HERANÇA ITALIANA NO SUL DE MINAS

Os laços econômicos da Família Genghini

Bianca Genghini Candido

5º período de Engenharia de Alimentos, IF Sul de Minas Campus Inconfidentes

RESUMO

O PRESENTE TRABALHO ABORDA A TRAJETÓRIA ECONÔMICA DOS MEMBROS DA FAMÍLIA GENGHINI, A PARTIR DE SUA SAÍDA DA ITÁLIA NO SÉCULO XIX, ATÉ A SUA INSTAURAÇÃO NO BRASIL, MAIS PRECISAMENTE NA CIDADE DE MONTE SIÃO, MG. DESSA FORMA, TENDO O CASO DA FAMÍLIA GENGHINI COMO FIO CONDUTOR DA NARRATIVA É POSSÍVEL IDENTIFICAR QUAL FOI A IMPORTÂNCIA E A INFLUÊNCIA QUE O PROCESSO IMIGRATÓRIO IMPACTOU NAS GERAÇÕES ATUAIS.

A FAMÍLIA QUE PRIMEIRAMENTE SE DESENVOLVEU ECONOMICAMENTE NA LAVOURA, HOJE CONTA COM MEMBROS QUE SE DEDICAM À INDÚSTRIA DO TRICÔ, AO MAGISTÉRIO, À MEDICINA, À ADVOCACIA, À ENGENHARIA, À RELIGIÃO, E TAMBÉM HÁ OS QUE CONTINUAM NA ÁREA AGRÍCOLA.

PALAVRAS CHAVE: IMIGRAÇÃO ITALIANA, SUL DE MINAS, MONTE SIÃO, GENGHINI.

ASTRATTO

IL PRESENTE LAVORO TRATTA DELLA TRAIETTORIA ECONOMICA DEI MEMBRI DELLA FAMIGLIA GENGHINI, DALLA LORO PARTENZA DALL'ITALIA NEL XIX SECOLO, FINO ALLA LORO FONDAZIONE IN BRASILE, PIÙ PRECISAMENTE NELLA CITTÀ DI MONTE SIÃO, MG. PERTANTO, AVENDO IL CASO DELLA FAMIGLIA GENGHINI COME FILO CONDUTTORE DELLA

NARRAZIONE, È POSSIBILE IDENTIFICARE QUALE SIA STATA L'IMPORTANZA E L'INFLUENZA CHE IL PROCESSO DI IMMIGRAZIONE HA AVUTO UN IMPATTO SULLE GENERAZIONI ATTUALI.

LA FAMIGLIA CHE SI È SVILUPPATA PER LA PRIMA VOLTA ECONOMICAMENTE IN AGRICOLTURA, OGGI HA MEMBRI CHE SI DEDICANO ALL'INDUSTRIA DELLA MAGLIERIA, ALL'INSEGNAMENTO, ALLA MEDICINA, ALLA LEGGE, ALL'INGEGNERIA, ALLA RELIGIONE E CI SONO ANCHE QUELLI CHE CONTINUANO NELL'AREA AGRICOLA.

PAROLE CHIAVE: IMMIGRAZIONE ITALIANA, SUD DEL MINAS, MONTE SIÃO, GENGHINI.

INTRODUÇÃO

Motivada pelas pesquisas realizadas em família, pela publicação do livro “A Saga dos Imigrantes Italianos No Sul de Minas” e pela participação dos autores no “IX Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais”, surgiu a curiosidade por identificar por intermédio de pesquisa exploratória a situação profissional dos descendentes da família Genghini.

De acordo com José Ayrton Labegalini, esse texto na capa dois do livro “A Saga dos Imigrantes Italianos no Sul de Minas”.

No entanto, a simples substituição de alguns nomes nesta “narrativa” leva o leitor a um forçoso “plágio mental”. Substitua-se Monte Colombo por outro vilarejo italiano, Gênova e Matteo Bruzzo por outro porto e vapor partindo do Mar da Ligúria para o Rio de Janeiro ou outro porto brasileiro, troque-se a Hospedaria do Imigrante por outra que prestava o mesmo tipo de serviços à imigração, altere-se o destino de Monte Sião para qualquer outra cidade nas imediações e teremos a história de tantas outras famílias italianas.

Genghini, p.42, informa preliminarmente que:

Depois, em 27 de março de 1896, chegando a Monte Sião, mesmo que precariamente, a família se estabeleceu e começou a sua fase brasileira. Os filhos que vieram cresceram e constituíram suas próprias famílias, numerosas e abundantes. Os netos também continuaram no trabalho duro do campo e da pecuária e apenas na geração dos bisnetos de Giovanni seus descendentes começaram a trilhar novos caminhos, indo à busca do estudo e do desenvolvimento de atividades comerciais.

Atualmente, os descendentes residem principalmente no sul de Minas Gerais, no nordeste de S. Paulo e no norte do Paraná, dedicando-se à agricultura, à pecuária, à indústria do tricô, ao comércio, ao magistério, à advocacia, à engenharia, à religião e à medicina, realizando o predestino de trabalhar para um Brasil grande.

A título de contextualização, avaliam-se alguns aspectos relativos à Imigração Italiana, Imigração Italiana no estado de Minas Gerais. A família Genghini e a cidade de Monte Sião a “Capital Nacional do Tricô”, a fim de identificar os Genghini descendentes e as respectivas profissões, com constituição ao desenvolvimento econômico da cidade e do Brasil, de modo geral.

IMIGRAÇÃO ITALIANA

Os movimentos migratórios internacionais constituem um fenômeno dinâmico e sociocultural. O contexto migratório internacional propicia transformações ao indivíduo migrante, bem como, ao ambiente em que foi inserido. As migrações internacionais abrangem discussões e lutas nacionalistas, disparidades econômicas e culturais, fechamento de fronteiras, correntes xenófobas, mobilidade social, redemocratização e ressignificação sociocultural (BAENINGER e ANTICO, 1996).

Imigração, como objeto social, revela um discurso da problemática enquanto fenômeno social. A relação entre o imigrante, o trabalho ou o desemprego, a moradia, a formação de imigrantes ou descendentes na escola, o direito de voto, a integração do imigrante no país de destino e a volta para o país de origem, configuram o ponto chave da problemática da imigração, a relação imigrante e trabalho (SAYAD, 1998).

Partindo do exposto, pode-se analisar o intenso fluxo emigratório de europeus ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, tendo como destino principal os Estados Unidos e alguns países da América do Sul, especialmente o Brasil. Verifica-se que a maioria desses europeus procurava novas formas de trabalho e de sobrevivência. Alguns atributos que solidificaram o fluxo na Europa são as oportunidades de trabalho oferecidas, considerando-se o crescimento populacional significativo. Neste sentido, a escassez de mão de obra e o território abundante das Américas levaram cerca de 40 milhões de europeus a aventurarem-se em um novo horizonte que perpassava o oceano Atlântico (BIASUTTI, LOSS e LOSS, 2003).

O fluxo emigratório europeu em massa na segunda metade do século XIX ocorreu em vários países, inclusive, a Itália. Inicialmente, a população do Velho Continente buscava residir na América do Norte, em especial, nos Estados Unidos. Porém, a exigência e o rigor quanto às leis dos imigrantes dificultou a entrada e a moradia naquele país. Logo, o fluxo deslocou-se para a América Latina, território com maior facilidade de acolhimento para os europeus. (SEITENFUS, 1990).

Os políticos italianos avaliavam a América Latina como um lugar especial de progresso socioeconômico. A partir dessa mudança, o Brasil começou a ser um receptor de imigrantes europeus e, posteriormente, de asiáticos. (SEITENFUS, 1990).

Desde a criação do Reino da Itália, em 1861, a relação de interesses políticos, sociais, e econômicos entre esse país e o Brasil sempre foi significativa para ambos os países. Do final do século XIX até a I Guerra Mundial, o destino escolhido pela maioria dos italianos era o Brasil, uma vez que o país buscava mão de obra principalmente para a lavoura de café, tendo em vista a ampliação do mercado para esse produto agrícola. Neste contexto, ocorreu a abolição da escravatura no ano de 1888, ou seja, o Brasil demandava imigrantes para o trabalho agricultor que estava em elevado crescimento (CERVO, 1990).

No caso do Brasil, embora parte do fluxo migratório tenha ocorrido de forma espontânea, a maioria dos imigrantes veio em função dos subsídios oferecidos. Tais subsídios procuravam atrair, sobretudo, trabalhadores para o café; neste caso, a ênfase recaía sobre os grupos familiares, que tornariam menos problemática a questão do controle do trabalho. Alternativamente, os imigrantes atraídos para o Brasil dirigiam-se para colônias de pequenos agricultores; novamente, o foco recaía sobre a família, entendida como unidade de produção que tornaria viável a exploração do lote agrícola. A imigração voltada para a cafeicultura procurou

enfrentar o problema colocado pelo processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Confrontados com o fim iminente da instituição escravista e com a progressiva escassez de trabalhadores diante de uma realidade de expansão do cultivo do café, os produtores brasileiros iniciaram, a partir de meados do século XIX, experiências de atração de imigrantes e de incorporação desses trabalhadores à rotina das fazendas escravistas (BOTELHO, BRAGA e ANDRADE, 2007, p.3).

No contexto da emigração em massa, a Itália se encontrava conturbada pela alta taxa de miséria e o processo da unificação como fatores contribuintes para a imigração dos italianos. A imigração era em sua maior parte realizada por famílias que tentavam solucionar os problemas enfrentados na Itália. A afirmação seguinte corrobora com os apontamentos “a miséria foi a verdadeira causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial” (TRENTO, 1989, p.30).

“Fazer a América” era o lema de quase todos os imigrantes que cruzaram o Oceano Atlântico. O termo era utilizado para expressar uma possibilidade de melhorar a condição de vida dos cidadãos europeus. A prioridade baseava-se em acumular poupanças com as quais esperavam usufruir posteriormente uma vida mais confortável em seu país de origem. A quase totalidade dos imigrantes aceitava qualquer tipo de trabalho oferecido, ainda que fossem de baixo status, pois proporcionavam melhores remunerações que as recebidas em seu continente (KLEIN, 2000).

Boni (1990) pondera que a imigração europeia significou muito para o Brasil, em termos de crescimento demográfico, desenvolvimento econômico, agrícola e industrial. Além de marcar a vida civil e política do país. Segundo este autor, sabe-se que no interior deste fenômeno, a presença italiana foi particularmente relevante, teve características próprias, e é possível notar que os imigrantes italianos não ficaram à parte da sociedade, eles se integraram e conquistaram o seu espaço, de modo que a contribuição dos imigrantes europeus foi altamente significativa para o desenvolvimento socioeconômico e a ressignificação das práticas culturais, valores e costumes no Brasil.

Destaca-se também a relevante contribuição dos italianos na constituição da sociedade mineira, sendo que a população de Minas Gerais é nitidamente visualizada em sua formação por descendentes italianos, os quais ajudaram no progresso do estado.

O fluxo imigratório dos italianos para o Brasil prolongou-se intensamente por várias décadas, tendo perdurado em um grau elevado até aproximadamente a década de 1940.

Destaca-se que, nesta época, o Brasil era receptor de imigrantes de vários países, como alemães, austríacos, suíços, poloneses, japoneses e espanhóis, entre outros. Entretanto, o fluxo

imigratório dos italianos era percentualmente maior. Esse contingente de imigrantes deixou marcas no Brasil nos aspectos individuais, sociais e culturais. O território brasileiro é marcado em várias localidades pela cultura italiana, seja em intensidade leve, moderada ou acentuada (BIASUTTI, LOSS E LOSS, 2003).

IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESTADO DE MINAS GERAIS

A imigração europeia, em Minas Gerais, é caracterizada pelas peculiaridades da economia mineira. O deslocamento do trabalho escravo para o trabalho livre ocorreu no final do século XIX. A província mineira apresentou, durante esse século, a maior população livre e escrava do Brasil. Botelho, Braga e Andrade (2007) destacaram ainda Minas Gerais, por uma série de políticas públicas de imigração que tinham como objetivo, ampliar a colonização através da criação de núcleos de povoamento. Ressalta-se que é a partir da década de 1890, que se organiza melhor o serviço de recepção de imigrantes em Minas Gerais.

Segundo Anastásia (1990), o ano de 1896 é marcado pela fundação dos primeiros núcleos coloniais em Minas Gerais no período republicano. Já o ano de 1915 é caracterizado pela redução do fluxo imigratório em função dos problemas gerados pela Primeira Guerra Mundial. Ressalta-se que não há como separar, em Minas Gerais, o processo de colonização do processo de imigração, pois é através do exame dos núcleos coloniais que se verifica com mais eficácia o fluxo imigratório para o Estado.

Em Minas Gerais, o ápice da corrente imigratória aconteceu entre a década de 1880 até aproximadamente o início da década de 1900. Enfatiza-se que neste período a província mineira recebeu 52.582 imigrantes. O destino destes era, em sua maior parte, a cidade de Juiz de Fora. Alguns fatores justificam a predominância dos imigrantes nesta cidade, devendo ser destacada a construção da Rodovia União e Indústria, ligando a cidade de Juiz de Fora a cidade de Petrópolis – RJ, em meados de 1850, no qual prevaleciam imigrantes alemães. A abertura da rodovia configurou Juiz de Fora como o principal polo armazenador de café da Zona da Mata (PEREIRA, 2009).

IMIGRAÇÃO ITALIANA E A FAMÍLIA GENGHINI

A família Genghini, assim como muitas outras famílias italianas que estavam em busca de condições melhores de vida, partiram ao Brasil com o destino final a Cidade de Monte Sião no Sul de Minas Gerais. Esse trajeto foi marcado pela viagem ferroviária de

Rimini a Gênova e em seguida viajaram de navio até o Rio de Janeiro. E, em sua última etapa do destino a Monte Sião por ferrovias hospedaram-se na Hospedaria do Imigrante Horta Barbosa em Juiz de Fora.

Em 1896, partiu de Gênova na Itália, o vapor MATTEO BRUZZO, rumo ao Brasil e nele embarcou a família de Giovanni Battista Genghini, com destino a Minas Gerais, deixando para trás a primogênita Maria Genghini com 23 anos que, já estava casada com Gennaro Sebastian.

Já na Hospedaria Horta Barbosa, faleceu a pequena GIUSEPPINA de um ano e quatro meses, aparentemente de Sarampo. Infelizmente, a família não pôde sepultar sua filha devido à viagem que precisavam seguir, e a menina, foi velada por uma família local, provavelmente de Juiz de Fora, MG. (GENGHINI, 2020).

Ao chegar a Monte Sião, MG, instalaram-se na Zona Rural da cidade, pelo lado dos Alves, Machados ou Furrier. Inicialmente, trabalharam nas lavouras de café e a partir disso, construiu-se a base para as próximas gerações.

MONTE SIÃO A “CAPITAL NACIONAL DO TRICÔ”

Monte Sião é a cidade conhecida como a “Capital Nacional do Tricô” devido a industrialização na área têxtil especialmente da confecção de tricô. Atualmente, ela pode ser considerada referência em moda em tricô, produzindo e distribuindo seus produtos para diversos pontos do país. Durante o inverno, quando a cidade atrai milhares de turistas do país todo para compra de vestuários, há vários eventos: Festival de Inverno, FENAT, Encontro de Fuscas, Trilha das Malhas e entre outros. Por ficar situada no sul do estado de Minas Gerais, fica apenas 160 km da cidade de São Paulo, de onde recebe a maior parte dos turistas.

De acordo com texto disponível em WIKIPEDIA (2020), registros datados de 1790 narram o fim do ciclo do ouro na região denominada Arraial de Ouro Fino, distrito de São Pedro, o que gerou o êxodo de garimpeiros disponibilizando terras para a instalação de nova atividade, no caso a pecuária e a agricultura, especialmente o café. A corrida pela posse de boas terras iniciava a colonização da área localizada ao pé do Morro Pelado e às margens do Rio das Pedras, local coberto por densa mata. Por volta de 1819, os primeiros moradores instalaram-se na região, construindo suas moradias que se comunicavam entre si por trilhas abertas na mata.

A imigração italiana em Monte Sião teve seu início a partir de 1887 e vinha dar um novo impulso às atividades rurais, especialmente à cultura do café. Aquela gente simples e alegre carregava a esperança de uma vida melhor. Com a imigração, Monte Sião conhecia uma nova era de desenvolvimento na sua agricultura.

Segundo Lourenço Guireli Júnior (2001),

A cidade de Monte Sião é nacionalmente conhecida pela produção de confecções, especialmente de tricô. Até a década de 1980, mulheres montessionenses costumavam produzir peças de tricô artesanalmente para vendê-las, em função do grande movimento turístico nas cidades vizinhas, que fazem parte da região hoje conhecida como "circuito das águas". Com o aumento da demanda pelas belas peças de tricô produzidas em Monte Sião, organizaram-se pequenos negócios familiares em torno da comercialização do tricô. Com o aumento da demanda, passou-se a produzir malhas com a utilização de maquinário industrial. Ocorreu então um grande movimento de industrialização na cidade, acompanhado da especialização da atividade econômica no setor de confecções, o qual se espalhou para outras pequenas cidades das redondezas, compondo o "Circuito das Malhas". Monte Sião é hoje considerada a Capital Nacional do Tricô destino de milhares de turistas e de lojistas provenientes de outros estados.

Na esteira do tricô a cidade experimentou rápido crescimento com a natural demanda por outros serviços de infraestrutura, manutenção, saúde e expansão da rede escolar.

TRAJETÓRIA ECONÔMICA DA FAMÍLIA GENGHINI

Durante os milhares de imigrantes italianos que escolheram o Brasil como destino, 456 famílias num total de 1471 italianos preferiram fixar-se em Monte Sião (GUIRELI JR, 2001, p. 116-133).

A família Genghini e outros chegaram a Monte Sião nos primeiros meses de 1896, provavelmente em abril, vindos de Juiz de Fora. Tendo a filha mais velha Maria Genghini, permanecida na Itália e a caçula Giuseppina Enrichetta falecida em Juiz de Fora, a família chegou a Monte Sião com o patriarca.

Giovanni Battista Genghini, de Monte Colombo. Trouxe consigo sua esposa Mariantonia Di Antonia Bellini e filhos em busca de condições melhores no Brasil. Seus filhos eram: Maria Genghini, 23, a mais velha, a qual permaneceu na Itália; Raimondo Segundo Genghini, 13; Antonio Ubaldo Genghini, 10; Ernesta Genghini, 7; E a mais nova, Giuseppina Genghini, 2; que faleceu durante o trajeto da família à Monte Sião.

Maria Genghini, a filha mais velha do casal, permaneceu na Itália e já se encontrava casada, ou se veio a se casar depois, assim não se sabe também, se teve filhos.

Raimondo Segundo Genghini se casou com Francisca Guilherme e tiveram 12 filhos.

Antonio Genghini se casou com Maria Ruiz e tiveram 12 filhos.

Ernesta Genghini se casou com Antonio Gottardello e tiveram oito filhos.

Giovanni Battista Genghini, provavelmente trabalhou na lavoura cafeeira com sua família. A partir disso, novas gerações foram nascendo e se enraizando por Monte Sião e pelas cidades aos arredores.

A família que veio em busca de melhores condições no Brasil, e aos poucos obtiveram grande influência na economia da cidade de Monte Sião, onde os seus descendentes executam os mais diversos trabalhos. Desde a lavoura, propriamente dita, até em malharias na qual Monte Sião é a capital nacional do tricô. Além disso, alguns familiares se dedicaram aos estudos e se formaram em direito, pedagogia, medicina, nutrição, zootecnia, e outras formações. A maioria dos membros ainda luta para obter a tão sonhada independência financeira.

A partir do arquivo familiar sobre os descendentes de Giovanni Battista, foi apenas a partir da terceira geração em que os descendentes começaram a frequentar a faculdade. Sendo que na terceira geração, apenas um membro foi à faculdade e concluiu seus estudos. A partir

da quarta geração a aumentou-se consideravelmente a quantidade de membros com formação acadêmica, mas ainda nos dias de hoje apenas uma minoria conseguiu-se a tal conquista.

Outros familiares seguiram a ordem religiosa tornando-se padres, freiras e monjas. Influenciando, então, a vida espiritual em suas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da história da família Genghini, assim como a de muitos imigrantes, foi marcada por lutas e perdas precoces. Com o passar dos anos, a família foi se instaurando e se estabilizando em Monte Sião, e hoje, a família se une através de conversas individuais, e também, através do encontro anual denominado “Genghinada”, em que as histórias da família italiana vão se perpetuando de geração em geração. Além disso, a tecnologia permite o contato entre os familiares italianos e argentinos. Assim, as pesquisas sobre a família estão sempre se desenvolvendo para não deixar apenas nas memórias a bela história da família Genghini.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁSIA, Carla Maria Junho. A imigração italiana em Minas Gerais. In: BONI, Luis A. De (Org.). A presença Italiana no Brasil. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.219-227.
- BAENINGER, Rosa; ANTICO, Cláudia. Questões decorrentes da emergência da migração internacional no Brasil. In: PATARRA, Neide Lopes (Org.). Migrações Internacionais Heranças XX Agenda XXI. Campinas: FUNAP, v.2, 1996, p. 259-268.
- BIASUTTI, Luiz Carlos; LOSS, Arlindo; LOSS, Everaldo, H. Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais. Belo Horizonte: 2003. 504 p. BOTELHO, Tarcísio Rodrigues;
- BONI, Luis A. De (Org.). A presença Italiana no Brasil. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.21-34.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues; BRAGA, Mariângela Porto; ANDRADE, Cristina Viegas de. A Imigração em Minas Gerais no final do século XIX. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.27, n°54, p.1-22, 2007.
- CERVO, Amado Luiz. As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861. In: GENGHINI, Luiz Antonio; GENGHINI, Edna Barberato. A Saga dos Imigrantes Italianos no Sul de Minas. O Caso da Família Genghini. 1ª Ed. São Paulo:Independente, 2019. 1ªed.2020. 100p.
- KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.13-31.
- MONTE SIÃO CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em:< [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Monte Si%C3%A3o \(Minas Gerais\)>](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Monte_Si%C3%A3o_(Minas_Gerais)>) Acesso em: 28 jul 2020.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Imigração italiana e o desenvolvimento em Minas Gerais. Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais. 2009. Disponível em: http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/a_revista.html. Acesso em: 27/07/2020.
- SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939. In: BONI, Luis A. De (Org.). A presença Italiana no Brasil. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.37-52.

TRENTO, Ângelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. 299p.